



Texto síntese – Roda de Diálogo SNEA 08

Elizabeth Cristina Ribeiro¹ e Tatiana Deane de Abreu Sá²

¹ Professora substituta da UFRRJ; E-mail: Elizabeth_crs@yahoo.com.br; ² Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, mestrado em Soil Science And Biometeorology (Utah State University) e doutorado em Biologia Vegetal (Ecofisiologia Vegetal) (UNICAMP). E-mail: tdas33x5@gmail.com

Quem pratica os princípios agroecológicos e quem melhor descreve uma experiência em Educação em Agroecologia? Quem escreve direito ou quem escreve esquerdo? A escrita acadêmica ou as mal traçadas linhas?

Somos todos ignorantes e sábios, daí a necessidade de encontro, de trocas de saberes. Seres em formação e formadores, num processo educativo mútuo e, como nos sugere Paulo Freire: “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Sigamos formando e sendo formados!

A Educação em Agroecologia não é algo pronto, está sendo construída e reconstruída em cada experiência em seus diferentes contextos. Tentamos contrapor um modelo de sociedade e de agricultura no qual estamos imersos, impregnados. Por vezes somos traídos por seus ditames e nos vemos fazendo mais do mesmo. Sabemos onde queremos chegar, mas em muitos momentos nos perdemos no caminho, nos distraímos com falsas pistas, caímos nas armadilhas do modelo dominante... Resistir, reformular e avançar. Assim, estamos construindo coletivamente a “Educação em Agroecologia”, identificando as possibilidades de “resistências e lutas por democracia”.

Os protagonistas da ocupação Vitória (comunidade Izidora) exercitam processos educativos agroecológicos na periferia de um grande centro urbano. De forma semelhante, atores difusos no contexto de uma metrópole, se encontram num desejo comum de transformação simbólica da cidade por meio da agroecologia urbana.

Izidora ainda é uma criança, nasceu em 2013, na região metropolitana de Belo Horizonte. Dá seus primeiros passos e já sabe o que quer ser quando crescer: uma comunidade agrícola ecológica, produtiva e inclusiva. Ocupar um pedaço de chão, cultivar seu espaço no mundo é ir de encontro a conflitos e desafios. Mas, sabendo onde quer chegar, conta com o apoio de diferentes parceiros de



movimentos sociais que se formam enquanto contribuem na formação de Izidora.

A alguma distância dali, na cidade de São Paulo, grupos heterogêneos autônomos compõem seus diferentes saberes e se organizam para, em processo de aprendizado mútuo dos princípios agroecológicos, ruralizar o urbano. Urbanos que são/estão utilizando recursos tecnológicos para a comunicação e planejamento de intervenções em hortas comunitárias em espaços públicos. A utopia consiste na construção de uma nova estética urbana e de relações solidárias que rompam dicotomias e preconceitos.

As oito experiências seguintes trazem como traço comum ações mediadas pelo poder público. Porém, diferenciam-se no grau de abrangência dos conhecimentos envolvidos, na abordagem que pode ser ainda muito disciplinar, passando pela interdisciplinaridade, rumando para a transdisciplinaridade; na restrição ou amplitude da diversificação de atores sociais envolvidos; na adoção de princípios educativos tradicionais e na incorporação de elementos de uma educação mais emancipatória.

O Núcleo Puxirum Agroecológico, criado no bojo do Projeto “Sistemas agroecológicos, inovações tecnológicas e organizacionais: processos de transição voltados à resiliência ambiental e social no Estado do Pará”, coordenado pela Embrapa Amazônia Oriental, aprovado na Chamada MDA/CNPq nº 38/2014, vem contribuindo ao avanço da construção de conhecimento agroecológico na Amazônia Oriental sendo, uma das contribuições, o conjunto de cursos de capacitação para facilitar processos de sistematização de experiências agroecológicas realizados em regiões onde aquela instituição de pesquisa possui Núcleo de Pesquisa e Transferência de Tecnologia (NAPTs).

Cinco delas estão circunscritas ao âmbito da educação formal, uma em curso técnico de Ensino Médio com foco na Educação em Agroecologia e, as outras três, em Cursos de Ensino Superior que trazem interfaces com a agroecologia. É possível perceber que a inserção recente da temática na educação formal, evidencia o caráter paradoxal desse espaço. Se, por um lado, tem por tradição a reprodução do conjunto de ideias e conhecimentos dominantes, por outro, nesse mesmo espaço, há as possibilidades subversivas da contra hegemonia e da elaboração de uma nova hegemonia. O paradoxo se faz presente nos mediadores que se lançam ao desafio contra hegemônico, resultando em ações híbridas que exibem esforços, nem sempre bem-sucedidos, para se livrar das amarras de um paradigma



preponderante e para a apropriação de um novo paradigma. A reflexão sobre a ação é a essência do processo educativo aqui proposto.

O Curso Técnico em Agroecologia/CTUR busca novas conformações para conhecimentos clássicos específicos de cursos técnicos em agropecuária, como é o caso da entomologia. A armadilha usada para capturar insetos ajuda a compor um cenário de proposta transformadora, mas, aqui, pode ter um sentido simbólico e nos alertar para as armadilhas paradigmáticas que aprisionam a ação e a elaboração teórica.

A experiência da oferta de disciplinas integradas de Agroecologia e de Sistemas Agroflorestais no âmbito de uma experiência bem sucedida de curso de mestrado interinstitucional, no caso o Mestrado em Agriculturas Familiares Amazônicas- MAFDS, da Universidade Federal do Pará-UFPA/Embrapa Amazônia Oriental, traz à tona a essência de uma iniciativa interdisciplinar que tem contribuído para a formação de dezenas de profissionais com ampla gama de formação inicial, grande parte dos quais se dedicando direta ou indiretamente ao exercício da agroecologia, em território amazônico.

Atenta àqueles sinais, a antiga Escola Agrotécnica se repensa, admite suas fragilidades, sua condição de inexperiência frente ao desafio para a construção de um Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia/IFPE. A aposta recaiu na reflexão sobre a Educação em Agroecologia para a construção coletiva do projeto político pedagógico do curso. É promissora a conclusão da equipe: “não existe um curso ideal padronizado a ser proposto, mas sim princípios, diretrizes de uma educação em agroecologia”.

Eleger a Agroecologia como eixo transversal na formação dos educandos e educandas, o curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFSC é assumido como um processo tão necessário, quanto complexo. Mais do que povoar o ideário dos docentes e compor o currículo formal, como apontado na experiência imediatamente anterior, é exibido um movimento individual docente, propondo ações no âmbito de sua disciplina, para dar materialidade aos princípios agroecológicos num esforço de impregnação ideológica da prática escolar cotidiana.



Nessa mesma linha, outra experiência relata práticas pedagógicas “ecológicas” diversas realizadas por estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFR. As intervenções denominadas socioambientais são desenvolvidas nas escolas de suas respectivas comunidades. Retornando a metáfora da armadilha, vale refletir que a ação em si não assegura assunção de princípios. O fazer ou o relato desse precisa estar indissociado do conjunto de ideias que o balizam.

Os outros cinco relatos são de ações oriundas de projetos e/ou programas governamentais voltados à formação agroecológica, tendo como público alvo preferencial os atores sociais que compõem comunidades do campo. Encontram respaldo de proposição na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.

Incentivar e capacitar agricultores para a produção de sementes de feijão visando o fortalecimento de Rede Estadual de Sementes Agroecológicas/UFRRJ/Embrapa Agrobiologia/EMATER-RJ, não necessariamente se traduz em ação educativa plena. Reconhece-se a importância de técnicas e de recursos materiais que consolidam a realização prática de processos agroecológicos. No entanto, esses não podem prescindir de reflexão sob pena da “produção de sementes agroecológicas de feijão” se restringirem ao “apelo comercial”. A conjugação reflexão-ação-reflexão possibilita elaborações que se explicitam na consolidação de um repertório semântico coerente.

Processos educativos são, por vezes, pouco compreendidos por quem tem uma formação marcadamente tecnicista. Assim, como já indicado em situações anteriores, uma ação que envolva a intenção de ensinar ou educar demanda fundamentos teóricos. Quando aliado aos princípios agroecológicos, o processo educativo agrega outras dimensões formativas. Acreditamos que o alcance da qualificação “educação em agroecologia” é algo a ser buscado continuamente e cotidianamente por todos e todas que assim se propõe.

A experiência de alfabetização agroecológica/ESALQ/USP exhibe atenção aos aspectos mencionados. Há no relato a conjugação de ações educadoras arrojadas voltadas aos movimentos sociais do campo e outros atores apoiando na implementação de políticas públicas de transição para práticas sustentáveis em diferentes ecossistemas. Explicitam processos formativos bem estruturados



baseados em “três eixos transversais”: diagnósticos socioambientais participativos, planejamento e intervenção participativos e estruturas e espaços educadores sustentáveis, avaliação permanente e continuada.

O desafio de contribuir para a formação agroecológica e para o exercício do protagonismo de juventudes do campo (LEC/UFVJM) compreendendo suas similaridades, mas fundamentalmente, sua particularidade dá-se pela análise profunda dos territórios de intervenção. A pedagogia da alternância e a articulação de módulos formativos foram as estratégias promotoras de inclusão de jovens rurais nas questões políticas e sociais locais visando a sua atuação transformadora da comunidade

Em uma outra dimensão a experiência de Rede de Núcleos de Agroecologia expressa através do Comboio de Agroecologia do Sudeste, em suas rotas e rumos, faz uma apoteose no compartilhamento dos resultados parciais da sistematização das ações do projeto realizada durante o Seminário Regional de Avaliação e Sistematização de Experiências do Sudeste, convergindo para a identificação da indissociabilidade dos princípios e das diretrizes da Educação em Agroecologia, que se mostra presente nos diversos Núcleos componentes da Rede.

O conjunto de experiências relatadas nesta sessão representa uma rica e diversa contribuição à construção do conhecimento agroecológico a partir de diferentes perspectivas, escalas, protagonistas e regiões, permitindo no momento da realização da Roda de Diálogos intervenções que ampliem o escopo das experiências pela perspectiva de interação entre os participantes das experiências e demais participantes, em releituras que integrem os conteúdos relatados a outras realidades.